

O Brasil no aplicativo *Le Monde*: reflexões sobre uma sintaxe discursiva do destacamento

Brazil in the *Le Monde* application: reflections about a discursive syntax of the detachment

Érika de Moraes¹

Universidade Estadual Paulista - Unesp
erika.moraes@unesp.br

Resumo: O artigo parte de constatações de uma pesquisa sobre o funcionamento discursivo da cobertura jornalística em aplicativos de notícias, entre eles o francês *Le Monde*. Objetiva diagnosticar os efeitos de destacamento por meio do estudo de um *corpus* de notícias sobre o Brasil, de teor internacional. Com o respaldo teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), busca compreender como os modos de produção midiáticos demandam a atenção ao que se propõe chamar de uma sintaxe discursiva do destacamento, a qual se torna constitutiva de registros de memória da contemporaneidade. Considera-se a inseparabilidade dos procedimentos das mídias digitais e dos processos de solidificação de discursos, já que temas salientes da contemporaneidade, reiterados de forma não-estática nos aplicativos, são confundidos com a contemporaneidade em si. Disso resulta a necessidade de refletir sobre a comunicação na sociedade atual com base em novos conceitos. Como contribuição, este trabalho propõe a reflexão sobre a sintaxe discursiva do destacamento, vinculada ao que aqui se entende como constituição de memória discursiva contemporânea.

Palavras-chave: jornalismo internacional; *Le Monde*; Brasil; análise do discurso.

Abstract: This article is based on a research about the discursive functioning of journalistic coverage in news applications, among them the French *Le Monde*. It focuses on the effects of detachment, studying a *corpus* of international news about Brazil. With the theoretical-methodological support of the French Discourse Analysis (AD), it seeks to understand how media production modes demand attention to

¹ Doutora em Linguística, com pós-doutoramento pela Université Paris-Sorbonne. Docente na Universidade Estadual Paulista - Unesp, Campus de Bauru, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, credenciada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Ibilce-Unesp, Campus de São José do Rio Preto.

what we propose to call as a discursive syntax of detachment, which becomes constitutive of memory records of the contemporaneity. It is considered the inseparability of the procedures of the digital media and of the processes of solidification of discourses, since salient themes of contemporaneity, reiterated in a non-static way in the applications, are mixed with contemporaneity itself. This results in the need to reflect on communication in today's society based on new concepts. As contribution, this work proposes the reflection about the discursive syntax of the detachment, linked to what is understood here as the constitution of contemporary discursive memory.

Keywords: international journalism; *Le Monde*; Brazil; discourse analysis.

Introdução

Este artigo parte de constatações de uma pesquisa mais ampla sobre o funcionamento discursivo da cobertura jornalística em aplicativos de notícias, entre eles o francês *Le Monde*. Tomando como *corpus* um conjunto de notícias sobre o Brasil, coletado desde 2015, as análises permitiram formular hipóteses a respeito dos critérios de relevância para uma cobertura jornalística internacional, bem como sobre as diferenças de abordagem quando se trata de uma cobertura endógena ou exógena. Neste texto, enfatizamos como os processos característicos dos modos de produção midiáticos na atualidade produzem efeitos quanto ao que propomos denominar uma sintaxe discursiva do destacamento.

Com o respaldo teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (doravante, AD), concebida em âmbito pós-estruturalista (Angermuller, 2016), compreende-se que os temas são postos em circulação pela cobertura midiática de modo a ressaltar os discursos que compõem uma *memória constitutiva* da contemporaneidade, as quais são delineadas (embora as fronteiras nunca sejam nítidas) pelo destacamento, entendido conforme Maingueneau (2006; 2010; 2014). Para este autor, há elementos do discurso que se propõem ao destacamento, em geral por seu caráter generalizante (ao modo de provérbios), enquanto outros são destacáveis por processos de operacionalização, sendo que os dois fatores (a predisposição e a operacionalização) costumam se complementar. É, em geral, o que ocorre com títulos de notícias, que podem partir de aspectos previamente generalizantes, os quais são enfatizados pelo processamento midiático.

A ideia de *memória constitutiva* que aqui propomos ampara-se na releitura de um postulado central da AD, segundo o qual a rede de interdiscursividade molda registros de memória que se autoabastecem. A noção discursiva de memória (Pêcheux, 1990; 1999; Achard, 1999) não se orienta por lembranças cognitivas, mas por critérios de constituição de interdiscursividade, permitindo a possibilidade de olhar para a composição contemporânea de redes de memória, sempre impalpáveis em sua incompletude. Dado o infindável volume de informação que circula na chamada sociedade digital, ou “sociedade transparente da hiperinformação e da hipercomunicação, diáfana e sem luz” (Pinto, 2018, p. 16), o destacamento torna-se crucial no que diz respeito a discursos que se fixam como memória, uma vez que os elementos destacados, como os títulos de notícias, adquirem força potencial na repetição, reiteração e consequente autoprovisamento de memória.

As reflexões de Pêcheux (1997) revelavam a existência de traços no discurso de “elementos discursivos anteriores” cuja origem enunciativa é “esquecida” (ou, em outras palavras, pertence a um enunciador anterior-jamais-sabido). Tal consideração implica a ideia de que o discurso se constitui a partir de outros discursos, ou de um “discurso já lá”. Daí o conceito de interdiscurso, cuja “objetividade material [...] reside no fato de que ‘algo fala’ (ça *parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (Pêcheux, 1997, p. 162).

É na interdiscursividade que a memória é retomada e, embora vinda de um lugar exterior, deixa marcas no interior do discurso que permitem resgatá-la. Conforme Achard (1999, p. 11), é “a estruturação do discursivo [que] vai constituir a materialidade de uma certa memória social”. Para Pêcheux (1999, p. 50), a memória discursiva “deve ser entendida [...] não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. O autor acrescenta que, ao surgir como acontecimento, ela “vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (Pêcheux, 1999, p. 52). Não se concebe a memória, portanto, como esfera plena, mas como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]” (Pêcheux, 1999, p. 56).

A análise dos dados em nossa pesquisa (cuja etapa referente ao estágio de pós-doutoramento foi publicada em Moraes, 2019) demonstrou que a investigação sobre o *destacamento* das notícias pelos aplicativos requer uma base teórica em constante processo de renovação, focada no funcionamento discursivo dos aplicativos, tendo em vista *uma sintaxe discursiva do destaque*, que leve em conta as condições de produção contemporâneas. Isso decorre da necessidade de considerar novos cruzamentos entre as ferramentas da AD, a disponibilidade dos recursos on-line e a adaptação do jornalismo à realidade digital. Não pretendemos esgotar as possibilidades dessa base teórica, mas apresentar reflexões, defendendo que o próprio *corpus* deva guiar os ajustes necessários para a mobilização (e não instrumentalização) de tais ferramentas, o que vem ao encontro da concepção da AD como teoria em constante reformulação.

A reflexão sobre tal sintaxe discursiva corresponde a um clareamento do funcionamento do discurso jornalístico, pautado em novos elementos impostos pela comunicação digital, como os modos de leitura influenciados pelos aplicativos. Conforme apontam Mello e colaboradores, a leitura tende a ser mais fragmentada e, ao mesmo tempo, mais constante, já que “as menores telas e sensores roubam do Rádio a característica de companheiro de todas as horas para informar e recolher dados” (Mello *et al.*, 2015, p. 98). O companheirismo do aplicativo impacta na narratividade do texto jornalístico, compreendida por Resende como lugar de produção do conhecimento: “o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo” (Resende, 2009, p. 33).

Resende (2009) defende que é na dimensão do simbólico que a natureza da narratividade jornalística atua, havendo necessidade de entendê-la na inscrição da linguagem e do discurso, onde se compreendem, inclusive, “as faltas”. Observada a questão de que a comunicação digital interfere no funcionamento do discurso jornalístico, é então pertinente investigar *como se dá* esse novo funcionamento, a partir de um critério que leve em conta a polifonia dos discursos inerente à assunção de

posicionamentos que encontram espaço na mídia, enquanto outros são silenciados. Os meios digitais maximizam esses efeitos.

Ao priorizar o estudo dos destaques, em especial dos títulos, propomos algumas reflexões: por que um (ponto de vista) e não outro sobressai? Como os títulos expressam certa posição de sujeito? Há dissimetrias? Confirmam o posicionamento oficial do veículo (sustentado na informatividade) ou deixam margem para a pluralidade de vozes? Conforme propõe Ringoot (2014), é necessário avaliar *quem fala e como* (acrescentamos *a quem*). Refletimos sobre essas questões em torno do *corpus* mobilizado, a fim de chegar a algumas considerações que favoreçam a compreensão teórica sobre o funcionamento do destaque no discurso jornalístico.

Destacamento, princípios jornalísticos e valores-notícia

Ao tratar da destacabilidade, Maingueneau (2006, p. 72) explica que alguns enunciados adquirem o estatuto de “citações célebres”, funcionando como “fórmulas autônomas”, geralmente citadas para “marcar um posicionamento específico”. Há enunciados *destacáveis* que, por suas características, entre as quais o caráter generalizante, nascem *fadados ao destaque*, como é o caso das máximas. Há outros, porém, que são destacados por processos operacionais, como é o caso dos procedimentos jornalísticos de titulação, legendagem, disposição em página etc. Tais propriedades (digamos, a destacabilidade latente e/ou o destaque operacionalizado) podem atuar conjuntamente na construção de um *ethos enfático* (Maingueneau, 2006, p. 74), em que o processo de destaque ocorre a um só tempo, sempre, como gesto inaugural e como eco de um saber compartilhado e, nesse sentido, pode-se dizer que está diretamente vinculado à memória discursiva.

O autor pontua que a citação e o destaque estão inscritos no próprio funcionamento da máquina midiática. Trata-se de *modus operandi* por meio do qual “é como se os profissionais da mídia [...] indicassem discretamente os fragmentos que desejam ver retomados” (Maingueneau, 2006, p. 80), ou seja, de certa forma, buscassem atuar na constituição de memória discursiva. No caso do aplicativo, os destaques são afetados pela mobilidade e, como efeito, acabam por *indiciar* aquilo que já é constitutivo: o caráter movente e instável da rede de memória. Ressalta-se uma tensão, já que, como anota Maingueneau (2006, p. 79), aquilo que adquire visibilidade, como as “fórmulas célebres são, de fato, a parte emersa do *iceberg*”, enquanto a interdiscursividade já comporta em si o potencial da destacabilidade.

No que se refere ao funcionamento midiático, do ponto de vista da profissão de jornalismo, há uma série de princípios que norteiam a sua legitimidade. A existência de procedimentos (pesquisa, apuração, entrevista etc.) e de um modo particular de escrita produz o efeito de credibilidade, o que institui uma espécie de paradoxo discursivo: a credibilidade jornalística é assegurada pelas técnicas que constituem o jornalismo, enquanto essas técnicas são discursivamente construídas como legitimadoras, ou seja, são a causa e o efeito do discurso jornalístico.

Ao mesmo tempo em que se identifica esse paradoxo, é necessário compreender o esforço dos profissionais de jornalismo em lidar com a questão da informação, especialmente como contraponto a

uma característica essencial da contemporaneidade, relacionada ao funcionamento das mídias digitais, por meio das quais, em princípio, qualquer usuário da rede mundial de computadores tem o potencial de se tornar um emissor de notícias sem a mediação jornalística. Se, por um lado, o desenvolvimento das mídias digitais trouxe a suposta democratização da informação, por outro, potencializou a propagação de notícias falsas, as chamadas *fake news*. Nesse cenário, se o jornalismo perde sua exclusividade como divulgador de notícias, ele assume outras funções, como a de gerir a sobrecarga de informações e a de dar legitimidade ao conteúdo noticioso.

A legitimidade jornalística se pauta no pressuposto de que os profissionais da área estejam comprometidos com valores e princípios profissionais relacionados à visão do jornalismo como um bem público. A imprensa tradicional evoca a deontologia para produzir o efeito da credibilidade na tentativa de resguardar o seu papel contemporâneo, o que nos leva a considerá-la como elemento constitutivo das condições de produção do discurso jornalístico. Segundo Bertrand (1999, p. 22), a deontologia pode ser definida como:

Um conjunto de princípios e de regras, estabelecidos pela profissão, de preferência em colaboração com os usuários, a fim de responder melhor às necessidades dos diversos grupos da população. [...] Para manter seu prestígio e sua independência, a mídia precisa compenetrar-se de sua responsabilidade primordial: servir bem a população.

Como diz o autor, a deontologia só pode ser desenvolvida se a imprensa for livre e a liberdade enfrenta obstáculos tecnológicos, políticos, econômicos entre outros relacionados a questões culturais. Isso faz com que os aspectos destacados em notícias, constitutivos de memória discursiva (retratos dessa memória e simultaneamente mantenedores dela), dependam, como não poderia deixar de ser, de toda a interdiscursividade de uma cultura dominante.

No cenário descrito, o jornalismo tido como tradicional, do qual é exemplo o praticado pelo grupo *Le Monde* tende, em teoria, a marcar ainda mais a sua posição em termos de ética, demonstrando-se como um jornalismo sério e respeitado, cujas informações são checadas e, portanto, confiáveis, além de ter a fiança da mídia de credibilidade. Trata-se, porém, de efeito discursivo (o que não neutraliza a existência de esforços para a manutenção da ética), que faz simular um *ethos*² de verdade, como se a própria voz da verdade fosse a fiadora dos fatos noticiados. Esse modo de produção dos sentidos faz parecer que certas leituras sejam mais autorizadas do que outras, que certos discursos se atualizem enquanto outros tendam a se perder como registro de memória discursiva.

Faz parte da autorregulação da mídia a sustentação em Códigos de Ética, que funcionam como garantidores de qualidade e veracidade da informação, bem como a fundamentação do que é ou não noticiado, com base em critérios substancialmente conhecidos como valores-notícia, relacionados ao *newsmaking*, ou seja, ao processo de produção de notícias. Segundo Wolf (1999, p. 195), os valores-notícia “constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considera-

² Tem-se em vista a concepção de *ethos* desenvolvida por Maingueneau (2001; 2005b; etc.) no quadro da AD. Segundo o autor, o tom do discurso, seu modo de dizer, faz com que o texto adquira caráter e corporalidade. Dessa noção é correlata a de fiador, entidade discursiva que legitima o discurso, seu hiperenunciador.

dos suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Com base nessa questão, a imprensa estabelece critérios (hierarquia, impacto, relevância, atualidade, frequência etc.) a fim de selecionar o que será noticiado (consequentemente, também o que será silenciado). Da mesma forma, a suposta essência da informação é extraída desses valores, resultando no aspecto que é destacado nos títulos. Pautado em métodos e procedimentos, o próprio modo de produção de notícias implica que a informação, a rigor, é construída discursivamente.

Para o campo do jornalismo, como percebe Ringoot (2014, p. 45), é problemático dizer que a “informação não existe em si mesma”, visto que ela, a informação, é ponto de sustentação dos textos fundadores do jornalismo. “É sacralizando a informação que o jornalismo autoproclama sua missão democrática” (Ringoot, 2014, p. 45, nossa tradução)³. Proclamada como essência do jornalismo e, de certo modo, exterior a ele, a informação se constrói de fato “nas redes discursivas das instituições que a proclamam inalienável” (Ringoot, 2014, p. 47).

Na ordem do discurso jornalístico, a informação se torna ainda um “bem que se compra e se vende”, intensificando a “tensão entre valor simbólico e valor comercial de informação [que] atravessa a história do jornal” (Ringoot, 2014, p. 50). Sobretudo no plano simbólico, é em torno da ‘informação’ que se dá a elegibilidade dos jornais, “seja no plano qualitativo com a noção de atualidade, seja no plano quantitativo com o imperativo de um terço da página consagrada ao redacional ‘de interesse geral’” (Ringoot, 2014, p. 55).

A informação está diretamente vinculada ao acontecimento, sendo que este é, em grande medida, construído pela máquina midiática. “As manchetes de capa dos jornais, ao se tornarem um instrumento de seleção de informação e de captação de leitores, provocaram a obrigação do acontecimento” (Ringoot, 2014, p. 46). Enfatiza a autora: “em jornalismo, o acontecimento se inscreve a uma só vez no coração das práticas profissionais e no coração da dimensão editorial” (Ringoot, 2014, p. 78).

Nesse quadro, os títulos de notícias podem ser considerados um “pivô maior da elaboração de um *corpus* dedicado ao estudo do acontecimento” (Ringoot, 2014, p. 83). São principalmente os títulos que assumem a “função de epifania” (Charadeau, 1983; 1997 *in* Ringoot, 2014, p. 78). Por isso, estudar o acontecimento a partir dos títulos de informação é particularmente relevante por duas razões. Primeiro, porque o título acumula desafios jornalísticos importantes tanto quanto garantem a identidade editorial do jornal e tanto quanto condensam o acontecimento. E igualmente porque os títulos facilitam uma aproximação qualitativa do acontecimento em caso de profusão da informação (Ringoot, 2014, p. 79).

É a partir das chamadas e títulos de notícias, diz Ringoot (2014, p. 84) que é possível observar as diferenças entre um tratamento ordinário do acontecimento e um tratamento alternativo. O modo de se expressar o acontecimento constrói uma linha de divisão entre informação “ordinária” e informação “extraordinária” (Ringoot, 2014, p. 202). As considerações dessa autora respaldam a ênfase de nosso estudo nos elementos destacados das notícias, especialmente os títulos, sem deixar de considerar o conjunto dos textos. A autora ainda enfatiza que o “estilo” do título representa marcadamente o estilo do jornal, podendo mesmo ser considerado um arquétipo (Ringoot, 2014, p. 102), do que é exemplo a

³ Doravante, as traduções do francês são de nossa responsabilidade.

clivagem incitativo/informativo ligada, na França, à oposição *Libération/Le Monde*. Não significa que *Le Monde* não possa utilizar eventualmente títulos incitativos, mas, a rigor, prioriza os informativos (ou seja, construídos como sendo informativos) como marca de posicionamento editorial.

Narratividade, discursividade e leitura nos aplicativos

Para Resende (2009), o discurso jornalístico deve ser compreendido em sua narratividade, concebida em confronto com o paradoxo da incomunicabilidade (Ricoeur, 2005). É nas brechas da incomunicabilidade que se dá a possibilidade do encontro comunicativo, uma forma de engendrar a comunicação diante do princípio da opacidade da linguagem, atravessada pela ideologia e pelo inconsciente, conforme os pressupostos da teoria discursiva aqui mobilizada.

Pêcheux (1997, p. 26) compreende que a “mesma língua” “autoriza funcionamentos de ‘vocabulário - sintaxe’ e de ‘raciocínios’ antagonistas”, acentuando a “contradição que atravessa a tendência formalista-logicista sob as evidências que constituem a sua fachada”. Assim, o autor esboça as razões que o levam a falar em *processos discursivos*. Nesta concepção, a crença em uma linguagem lógica, clara, sem equívocos, é vista como correlata a uma imposição da “divisão social técnica do trabalho”, no interior das condições materiais da produção capitalista, onde o imaginário da comunicação se impõe como instrução diretiva.

Aceitar que há comunicação jornalística não implica negar tais pressupostos relacionados à não-transparência da linguagem, mas estabelecer que é preciso driblar a opacidade, a polissemia e a *interincompreensão* latente ao fato de que os discursos advêm de lugares diversos, alhures. Sem recair no logicismo, propõe-se enfrentar que o jornalismo *precise* da crença na comunicação para cumprir seu papel social, podendo exercê-lo com mais eficácia ao *aceitar* o equívoco da língua. Paradoxo constitutivo: a existência mesma do jornalismo implica o *esquecimento* do efeito de pré-construído e, simultaneamente, traz à tona a opacidade ao deixar entrever que tudo pode ser comunicado de outra maneira ou, de forma ainda mais saliente nos aplicativos, pode *mover-se* de outras maneiras.

Para Maingueneau (2005a, p. 103), “não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de ‘não compreender’ o sentido dos enunciados do Outro, são duas facetas do mesmo fenômeno”. Para Resende (2009), por sua vez, o papel transgressor, no sentido de Ricoeur, é característico do discurso jornalístico ao buscar possibilitar a comunicabilidade.

Ao considerar o discurso jornalístico no aplicativo *Le Monde*, é necessário levar em conta a influência do suporte. Nos termos de Maingueneau (2001), o *medium* interfere no conteúdo que ele veicula. Não se trata, no entanto, de hierarquizar meio e mensagem, mas justamente de validar a contraposição da Análise do Discurso à Análise do Conteúdo. O suporte é indissociável do conteúdo que veicula e, conseqüentemente, a comunicação é alterada pelo tipo de leitura que provoca. Evocamos o termo leitura porque o usuário do aplicativo não deixa de ser leitor, sobretudo se aceitarmos a concepção do leitor imersivo que navega no ciberespaço, proposta por Santaella (2004).

Santaella (2004) promoveu uma densa pesquisa sobre a navegação e os modos de leitura no ciberespaço, contemplando a influência do suporte físico (o computador, a tela, o mouse), sem deixar de ser providente em relação aos novos suportes. Já naquele momento, afirmava que o futuro pertenceria

aos “portáteis capazes de se comunicar sem fios” (Santaella, 2004, p. 182), por isso seu estudo teórico e empírico permanece pertinente: “navegar veio para ficar, pois se trata de uma atividade performativa e cognitiva que não está presa a um único tipo de equipamento” (Santaella, 2004, p. 183). Ajustando teorias cognitivas aos objetivos de sua pesquisa, a autora chegou a três perfis de internautas ou leitores imersivos: o errante, o detetive e o previdente, cada um deles associados a modalidades de raciocínio (abdução, indutivo e dedutivo, respectivamente). Embora prototípicas, as modalidades de leitura são intercambiáveis e convivem entre si. Ainda que a refinada pesquisa da autora tenha trilhado um caminho diferente do nosso (o viés cognitivo, em seu caso), é interessante notar que suas conclusões são compatíveis com uma compreensão histórica da leitura, que poderia ser mobilizada por uma teoria discursiva. Conforme já problematizamos em outros trabalhos (por exemplo, Moraes, 2011), não basta (somente) conceber um mundo que é hoje tal *por causa* das novas tecnologias, mas as atuais tecnologias também são possibilitadas pelos processos historicamente constituídos. Respalda-mo-nos, assim, em Santaella para afirmar que o leitor do aplicativo é tanto um leitor pós-livro, pós-jornal impresso, pós-computador quanto um leitor influenciado por todos esses e por outros modos de leitura: “o leitor imersivo não surgiu diretamente do leitor contemplativo dos livros. Sua sensibilidade perceptiva veio sendo gradativamente preparada pelo leitor dos fragmentos de imagens, sons, textos, setas, cores e luzes, no burburinho da vida urbana” (Santaella, 2004, p. 181).

O leitor, ou usuário, hoje com smartphone em mãos, é a um só tempo disperso e imersivo; transita pela leitura *scanner* e por outras infinitas possibilidades não lineares. No aplicativo, depara-se com destaques em movimento, geralmente títulos, subtítulos e fotografias. Ao clicar no link relacionado ao título, é levado tanto à leitura de um texto em maior profundidade como a outras possibilidades intertextuais, como links para matérias relacionadas. Nesses processos, o destaque é sempre essencial, representa o chamamento para a leitura. Se o usuário perde um destaque considerado de alta relevância editorial, o aplicativo o retoma, busca esse leitor de volta, retornando um título⁴ de destaque ao topo da rolagem, ou emitindo novos alertas sonoros.

Os títulos e demais destaques, como fotografias, são em si uma forma alternativa da narrativa, funcionando como pontos luminosos da tessitura do texto jornalístico: há uma história que se conta por meio do destaque, uma (outra) história (mais) fragmentada. No caso dos aplicativos, uma história se materializa por meio de destaques em movimento, títulos que rolam e nos quais se pode clicar ou não. É dessa mobilidade que tratamos ao considerar a narrativa que se constrói pelos processos de destaque inerentes ao aplicativo, propondo falar em uma *sintaxe discursiva do destaque*.

Lembramos que, para a AD, a materialidade discursiva designava a língua como “lugar material em que realizam os efeitos de sentido” (Pêcheux; Fuchs, 1990, p. 172). Coloca-se o problema da fronteira entre a língua e o discurso, levando os autores a proporem uma distinção entre “base comum” e “processos discursivos”, entendendo que a *semântica* pertença fundamentalmente ao discurso, uma vez que o sentido das palavras se constitui em cada formação. Esse lugar material sofre a interferência de novos suportes, como as mídias digitais e, no caso específico de nosso trabalho, os aplicativos. Assim, a materialidade não se confunde com o suporte, mas é afetada pelo mesmo. Cada vez mais,

⁴ No aplicativo, título e manchete quase sempre coincidem, embora possa haver mudanças, geralmente sutis, em casos pontuais.

entretanto, Pêcheux passa a considerar a instabilidade entre língua e discurso ou entre sintaxe e semântica, daí nosso interesse em tratar de uma *sintaxe do destaque* como elemento constitutivo da discursividade nos aplicativos. A sintaxe aqui não deve ser compreendida como construção lógico-gramatical, mas como metáfora de uma circulação movente de discursos nos aplicativos, característica de um modo de dizer, e pautada na valorização dos destaques.

A fim de compreender melhor esses efeitos, consideramos as condições de produção da cobertura internacional sobre o Brasil por *Le Monde*, que pudemos apreender por meio da realização de uma entrevista⁵ com o *médiateur*⁶ do veículo, Franck Nouchi. Salientamos que o ponto de vista oficial do jornal, expresso por meio de seu *médiateur*, é para nós uma informação importante, mas não suficiente, já que deve ser cruzada com as características do suporte de comunicação, tendo em vista a mobilização da AD.

Na próxima seção, abordamos essas condições de produção, exemplificando como se materializam no suporte que constitui nosso *corpus* de trabalho.

A circulação de notícias: condições de produção e a sintaxe discursiva dos destaques

Quanto às condições de produção, um aspecto a ser considerado é que a proposta de *Le Monde*, segundo seu *médiateur*, é a de ser internacional, daí o seu nome *O Mundo*. Disso decorre que a presença de notícias sobre o Brasil e outros países é parte de sua política editorial. *Le Monde* possui uma ampla rede de correspondentes internacionais, com quatro escritórios nos Estados Unidos e outros espalhados em todo o globo, o que é definido com base na relevância da cobertura e nas condições propícias para a permanência do jornalista estrangeiro. No caso do Brasil, a correspondente permanente, Claire Gatinois, é especializada em economia, o que já traz indícios sobre o interesse a respeito de aspectos político-econômicos de um país de localização estratégica na América do Sul.

Nossas análises demonstraram que são abordados temas de relevância internacional, cujos efeitos vão além do Brasil. A opção de pautar certos assuntos, de forma semiconsciente⁷, dá-se no limite entre o que soa relevante para o público do jornal e o que certos *implícitos* advindos de uma memória discursiva fazem parecer indispensável. É assim que parece se justificar, em *Le Monde*, a presença de notícias sobre a seca no Brasil⁸ (preocupação relacionada a aquecimento global e preservação do ambiente), sobre possível agressão a membros de tribo indígena⁹ (respeito ao ser humano e, em especial,

⁵ A entrevista pode ser acessada na íntegra em publicação da revista Intercom (Nouchi; Moraes, 2018).

⁶ Optamos por manter a terminologia original *médiateur*, pois se trata de uma função diferenciada em relação às existentes nas redações brasileiras, aproximada à do *ombudsman*, um responsável pela “mediação” com leitores do jornal e pela (auto) avaliação crítica do veículo.

⁷ Para a AD, o discurso é sempre atravessado pelo inconsciente (em sentido Freudiano). Ao trabalhar com o próprio discurso, o jornalismo pode trazê-lo para um nível semiconsciente, mas que nunca será plenamente consciente, se concordarmos com o aparato teórico-metodológico aqui mobilizado.

⁸ No original: *Au Brésil, “la sécheresse cogne”* (No Brasil, “a seca agride”) (*Le Monde*, 2017a).

⁹ No original: *L’ONU s’alarme de l’attaque d’une tribu indienne par des propriétaires terriens au Brésil* (A ONU se alarma com um ataque a uma tribo indígena por proprietários de terra no Brasil) (*Le Monde*, 2017b).

ao nativo) e o Zika vírus¹⁰ (tema que pôs o planeta em alerta em 2015, com o risco de uma epidemia global)¹¹.

O levantamento de temas contemplado em nossa pesquisa, a exemplo dos supracitados, levou à hipótese de que, quando a imprensa trata de outro país é, de fato, de um ponto de vista globalizado que o faz. Assim, a resposta a *quem fala* sobre o Brasil, quando este é referenciado de um ponto de vista exterior, poderia ser um locutor inserido na globalização que, de fato, não trata do Brasil em si, mas de aspectos de um mundo globalizado do qual o país faz parte.

Quanto à questão *a quem se fala*, Nouchi esclarece que a cobertura a respeito do país tem como público primordial três grupos de leitores: franceses, brasileiros e aqueles, entre ambos, que vivem no país diferente de sua nacionalidade (franceses no Brasil e brasileiros na França). É a esse público parcialmente heterogêneo (embora a própria leitura do jornal implique semelhanças entre os segmentos citados) que o veículo se dirige. Assim, a hipótese sobre um público globalizado parcialmente se confirma, porém, as especificidades de cada um desses grupos representam algumas nuances. O *médiateur* relatou a forte repercussão que suscitam as notícias sobre o Brasil, especialmente em período de tensão política.

Em relação aos assuntos sobre política interna brasileira, que são recorrentes num período caracterizado por efervescência na política nacional¹², a hipótese da relevância internacional se cola à outra mais trivial e cotidiana do fazer jornalístico, a de que determinados assuntos adquirem valor-notícia por serem impactantes para uma população, devendo ser tratados como *acontecimentos*.

A presença de correspondentes estrangeiros não dispensa o papel das agências de notícias, cujos recortes também funcionam como filtros para os destacamentos na cobertura internacional. *Le Monde* assina as principais agências de sua confiança e recorre a elas especialmente para o que avalia como notícias mais cotidianas (*France Presse, Reuters*, entre outras). A forma como a imprensa internacional cobre assuntos de outros países passa, portanto, também pelo filtro dessas agências, fazendo com que parte das matérias possa ser semelhante em jornais de países diferentes, podendo trazer títulos já globalizados. Há outros filtros, entre os quais o trabalho dos correspondentes estrangeiros e os próprios mecanismos de edição do veículo jornalístico. Sobre o processo de edição, o *médiateur* informa que um título passa por até quatro olhares: (1) o jornalista (correspondente) propõe um título inicial que, em seguida, pode ser modificado por um (2) editor, por um (3) editor-chefe e, finalmente, pelo (4) redator-chefe¹³.

A redação que chega ao leitor, já intermediada pelos processos de edição, expressa a formulação discursiva dos títulos destacados ao modo de *listas de notícias*, já que, em aplicativos, é com um *feed de destaques* que o leitor tem contato num primeiro momento, podendo escolher (certamente, influen-

¹⁰ No original: *Au Brésil, le recul massif de l'épidémie de Zika est une énigme* (No Brasil, o recuo massivo da epidemia de Zika é um enigma) (Gatinois, 2017).

¹¹ Uma análise dessas matérias pode ser conferida em Moraes, 2018. No presente artigo, o objetivo é tratar mais especificamente da sintaxe discursiva do destacamento, além de acrescentar novas análises, demonstrando como a imagem sobre o Brasil vai se tecendo no espaço-tempo movente do aplicativo.

¹² O período de nossa pesquisa compreendeu a repercussão do *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff em 2016, desdobramentos da operação Lava Jato, novas manifestações em 2017. Assim, embora a política não tenha sido uma delimitação do *corpus*, tornou-se inevitável que fosse recorrente na mídia analisada.

¹³ Adaptamos para a terminologia brasileira as equivalentes francesas: *éditeur, chef en service, rédacteur chef*.

ciado por critérios de edição) em quais deles vai clicar para ler as matérias completas. Mais do que uma constatação óbvia, a de que a primeira camada¹⁴ de visualização das notícias em aplicativos se dá ao modo de listagem de destaques, tal característica é essencial no que diz respeito à sintaxe discursiva específica da circulação nesse suporte, ou seja, ao *como* se fala, o que está alinhado a critérios do que se acredita representar um jornalismo informativo¹⁵ atrelado a uma linha editorial. É comum que o *feed* dê destaque a falas entre aspas e, neste caso, como afirma Maingueneau (2006, p. 82), não é apropriado remeter a sobreasseveração jornalística a uma intenção, pois se trata de uma configuração textual (verbal, visual e movente) correspondente a “um produto coletivo constituído de fragmentos textuais em mosaico (em que intervêm o locutor citado, seu agente, o jornalista, o paginador, o responsável pelo título)”.

O jornalismo atua como um princípio organizador da realidade social. Assim, quando se toma como objeto de análise um veículo francês, ainda que de proposta internacional, o ponto de vista de partida é o europeu, francês. O *médiateur* defende um princípio organizador do jornalismo a partir de um ponto de vista específico:

Podemos dizer que temos a nossa própria leitura da atualidade, nossa própria maneira de hierarquizar a atualidade. Claro que não dizemos tudo da mesma maneira que um jornal de São Paulo ou outro jornal brasileiro. Fazemos da nossa maneira. É um jornal francês, portanto, com uma maneira francesa de ler a atualidade, mas de audiência internacional. (Nouchi *in* Nouchi; Moraes, 2018, p. 2007)

Uma das implicações do ponto de partida francês é o fato de a rubrica com o nome do país estrangeiro ser recorrente. Nosso levantamento mostrou que a rubrica *Brésil* está quase sempre presente em notícias sobre o país, com uma exceção bastante pontual, quando se tratava do nome Lula, um nome internacionalmente forte. O *médiateur* observa, em entrevista (Nouchi; Moraes, 2018), que há poucos nomes mundiais, como Lula e Obama, que dispensam essa rubrica, o que constitui desvio de regra na formulação das manchetes internacionais.

Ainda sobre os modos de produção dos títulos, o *médiateur* relatou que nem sempre uma tentativa de contextualização é compreendida pelos leitores. Sobre o título *Brésil: perquisition chez Eduardo Cunha, l’homme qui menace Dilma Rousseff* (*Le Monde* 2015) (Brasil: busca na casa de Eduardo Cunha, o homem que ameaça Dilma Rousseff), considera que brasileiros “de direita” o viram como defesa ao Partido dos Trabalhadores, enquanto brasileiros “de esquerda” o consideraram pouco assertivo. Conta que o jornal recebeu críticas de diversas ordens relacionadas à cobertura da política brasileira na

¹⁴ Fazemos analogia com a redação em camadas da linguagem web, conforme descrita por Rodrigues (2010). Na Cartilha de Redação Web, propõe a presença de três camadas, a de apresentação, a genérica e a de detalhamento. Sabemos que as possibilidades hipertextuais seriam infinitas, o que só contribuiria para a dispersão, por isso os critérios de edição recomendam o número limitado de camadas, além da necessidade de que os recursos façam sentido para o usuário (Schwingel, 2012). A analogia se aplica ao aplicativo *Le Monde*: a primeira camada corresponde ao *feed* de destaques. A segunda, a da notícia em si, que pode conter hiperlinks para outras matérias relacionadas ou gráficos, levando a uma terceira camada.

¹⁵ *Le Monde* se define como imprensa essencialmente informativa. O jornal conta, ainda, com espaço de interpretação e debate, onde realiza o jornalismo opinativo.

fase do *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, especialmente de leitores percebidos pelo *médiateur* como de “extrema esquerda brasileira”. Relata também ter havido, embora em menor quantidade, leitores (brasileiros e franceses) que se queixaram de uma “cobertura de direita”. A influência do posicionamento político-ideológico do leitor é parte constitutiva de seus modos de leitura, como indica o relato sobre a correspondência recebida pelo jornal.

Considerado o título supracitado (*Brésil: perquisition chez Eduardo Cunha, l’homme qui menace Dilma Rousseff*) no quadro descrito de condições de produção, observa-se uma tentativa de conciliação de algumas posições. Uma posição representa a proposta oficial do jornal de ser informativo/objetivo: informar que houve uma busca na casa de Eduardo Cunha. Outra posição retoma da memória discursiva a responsabilidade do ex-deputado Cunha pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (na ocasião dessa notícia, ainda em processo), caracterizando-o como “o homem que a ameaça”. Uma terceira posição que, ao cruzar as duas informações, põe em questão a legitimidade de um deputado, também acusado por corrupção, solicitar o impedimento da presidente.

Acrescentando à interpretação deste título o parâmetro das críticas relatadas pelo *médiateur* de *Le Monde*, a primeira posição, que informa a busca na casa de Cunha, poderia contemplar os leitores considerados “de esquerda”, solidários ao então governo do PT. A segunda posição também legitimaria o ponto de vista de “esquerda”, ao atribuir o pedido de *impeachment* a um deputado acusado de corrupção. A terceira posição, ao associar os dados, tenta representar o ponto de vista do jornal como informativo e analítico, mas não opinativo. Se interpretados por um prisma entendido como “de direita”, as posições poderiam representar uma leitura favorável ao PT. No conjunto com outras matérias de *Le Monde*, que cobriram outros aspectos das acusações ao governo, o título pode ser lido como uma tentativa de neutralidade, de mostrar outro lado, de não resumir as notícias a acusações ao PT, o que também pode representar uma espécie de diálogo conciliatório com os leitores compreendidos como de “extrema esquerda” (alguns dos quais teriam entrado em contato com o jornal, segundo o *médiateur*)¹⁶.

O interesse deste exemplo é demonstrar que, mesmo para um leitor que tenha acessado tão somente a camada de apresentação do aplicativo, a do *feed de destaques*, houve contato com certa contextualização e ponderação de pontos de vista. Ao mesmo tempo, a existência da reportagem completa é necessária para certificar o rigor da atividade jornalística. Esse aspecto é fundamental ao considerarmos que, atualmente, existe uma grande possibilidade de compartilhamento de notícias por parte dos usuários em suas próprias redes sociais, construindo novos destaques inspirados em uma “interação para si” (Melo, 2017). Enquanto o veículo propõe “interação para ti” (ou seja, dirigida ao leitor a partir dos recortes que o próprio veículo de comunicação acredita serem pertinentes), sabe-se que a interatividade afetará a um só tempo a produção e a recepção, em movimentos contínuos e

¹⁶ Uma observação: na política francesa, os termos esquerda e direita são um pouco mais “marcados” do que na brasileira. A esse respeito, chama atenção a importância, para *Le Monde*, de situar os partidos como de esquerda, direita, centro etc. Numa matéria com referência ao PSDB, este partido foi apresentado como *historiquement centre gauche mais désormais étiqueté centre droit* (historicamente centro-esquerda, mas doravante etiquetado como centro-direita) (Matéria: *Au Brésil, le président Temer élaboussé par de nouvelles révélations*, de 18/05/2017: No Brasil, o presidente Temer é ‘salpicado’ por novas revelações).

complementares, gerindo a “interação para si”, ou seja, aquela com a qual o leitor irá se identificar e, provavelmente, poderá compartilhar em redes, comentar, interagir.

Embora este trabalho não vá aprofundar a questão da interação do leitor, dado que a pesquisa não inclui uma etapa de análise de leituras, cabe sinalizar a concepção de um leitor menos passivo, já que, conforme Angermuller e Oliveira (2018, p. 3460), “o leitor não é somente uma instância neutra que executa as instruções do texto”. Contemplando tradições exteriores à França (alemã; anglo-americana), o autor defende uma dimensão prática do discurso, havendo sempre “caminhos a serem percorridos, implicações de sentidos menos ou mais estabelecidos no espaço social e a apropriação concreta por um indivíduo, em um contexto específico” (Angermuller; Oliveira, 2018, p. 3460). Na visão deste autor, ainda que o discurso se repita, “há alguma coisa que se possa fazer” e é justamente essa tensão o que considera interessante para que a AD francesa repense continuamente as questões relacionadas à ideologia, ao poder, às práticas sociais.

No exemplo supracitado, vimos o esforço presente em um título por contemplar, em sua brevidade, algumas posições. Deve-se acrescentar que cada título não é lido isoladamente, mas em seu conjunto dentro do *feed*. Assim, temas salientes da contemporaneidade são como recortados e colados nos aplicativos, sendo que a reiteração desses temas é quase confundida com a contemporaneidade em si, como ilustra o caso seguinte. Nos dias próximos à prisão do ex-presidente Lula, em abril de 2018, as notícias sobre o Brasil em *Le Monde* giraram em torno desse fato, construindo um paralelo com a atualidade do país, a exemplo de:

La Cour suprême du *Brésil* donne son feu vert à l’incarcération de l’ex-président Lula (Le Monde, 2018a) (Supremo Tribunal Federal do Brasil dá sinal verde ao encarceramento do ex-presidente Lula)

Au *Brésil*, la chute de Lula : retour sur une semaine décisive (Le Monde, 2018b) (No Brasil, a queda de Lula: retorno a uma semana decisiva)

Sergio Moro, le juge anticorruption qui a fait trembler le *Brésil* (Le Monde, 2018c) (Sergio Moro, o juiz anticorrupção que fez o Brasil tremer)

Brésil : Lula ne s’est pas rendu à la police, mais il n’est pas considéré comme « un fugitif » (Le Monde, 2018d) (Brasil: Lula não se entregou à polícia, mas ele não é considerado um “fugitivo”)

Au *Brésil*, Lula annonce accepter d’aller en prison (Le Monde, 2018e) (No Brasil, Lula anuncia aceitar ir para a prisão)

Brésil : la disgrâce d’un président (Le Monde, 2018f) (Brasil, a desgraça de um presidente)

L’ancien président *brésilien* Lula, condamné pour corruption, arrive en prison (Le Monde, 2018g) (Ex-presidente brasileiro Lula, condenado por corrupção, chega à prisão)

Tais notícias circularam em conjunto com outras de relevância para a França e a comunidade internacional, como a greve da companhia francesa de trens, a SNCF, e informações sobre atentados e acidentes ocorridos pelo mundo. Ao contrário do que encontramos como regularidade em nosso *corpus* (com registros desde o ano de 2015), desta vez, nas notícias sobre a prisão de Lula, o nome Brasil ou brasileiro constou em todos os destaques acima, sem exceção. Tal dado, compreendido no conjunto, pode ser visto como redundância enfática, que se soma, ainda, à fotografia na representação da pessoa Lula. Ressaltamos, ainda, que essas notícias suscitaram alertas

sonoros do aplicativo e foram mantidas em posição de destaque no *feed*. Esses recursos (alertas e posicionamento nobre na página) não são recorrentes em quaisquer pautas, mas apenas àquelas de alta relevância, como ataques terroristas, falecimentos e eventos de grande impacto, conforme constatado em nossa experiência de leitura.

Além de sinalizar que a compreensão da sintaxe discursiva do destacamento exige análise contínua, os dados demonstram que a notícia da prisão de Lula se colou como *acontecimento* ao próprio Brasil, do que é indício o teor do editorial *Brésil: la disgrâce d'un président*, no qual, em espaço opinativo, o jornal associa a recessão e as dificuldades enfrentadas pelo país à ascensão e queda do ex-presidente. A narratividade de *Le Monde* constitui o Brasil em desgraça, metaforizado pela derrocada do ex-presidente, um efeito expandido pela força constitutiva de memória inerente ao destacamento. Essa associação não necessariamente será aceita sem reservas na leitura e interação do usuário, sendo que esses embates não derivam meramente do conteúdo, mas da expansão da sintaxe discursiva dos destacamentos. A interdiscursividade traz à tona as *faltas* do discurso, que também o constituem narrativamente.

Exemplificando, este editorial cobra do Brasil, com destaque no subtítulo¹⁷, uma postura investigativa mais incisiva a membros de outros partidos e, como lacuna, não aborda (nem mesmo no interior do texto) a questão do foro privilegiado, uma especificidade do sistema brasileiro que impacta no tema. No interior do editorial, a cobrança é reforçada: « Lava Jato » *doit s'attaquer avec la même sévérité aux autres caciques des partis du centre ou de la droite* (“Lava Jato” deve atacar com igual severidade os demais caciques dos partidos do centro ou da direita). Acrescenta que a sociedade tem dúvidas, mesmo que alguns representantes de outros partidos estejam presos, como Eduardo Cunha e Sérgio Cabral (ambos do MDB).

A relevância dada a Lula pela cobertura de *Le Monde* (2018h) é a provável principal razão para que o veículo tenha recebido e publicado uma carta-manifesto do ex-presidente brasileiro em 17/05/2018 (*Lula: « Pourquoi je veux à nouveau être président du Brésil »*) (Lula: “Por que quero ser presidente do Brasil novamente”). Tal título recebe o destaque da cor vermelha e alerta sonoro no aplicativo. Está disponível na íntegra somente para assinantes, outro critério relacionado a valor jornalístico por *Le Monde*.

A reincidência de temas e o silenciamento de outros mostram que a sintaxe discursiva convive com uma semântica, em termos de recortes temáticos, ou seja, está atrelada a quais temas (e semas) serão incluídos na tessitura discursiva, de maneira imbricada. A seguir, ilustramos o modo de circulação de notícias no aplicativo – ou seja, o funcionamento da sintaxe discursiva do destacamento nesse suporte – por meio da análise de uma notícia mais recente que diz respeito ao Brasil.

A figura 1 apresenta o primeiro modo de circulação da notícia. A manchete “*La situation est gravissime*” : *au Brésil, comment le “ministre des entreprises minières” met en place une politique de destruction de l’environnement* (“A situação é gravíssima”: no Brasil, como o “ministro das mineradoras” implementa

¹⁷ *Après la condamnation de Lula, la justice brésilienne doit faire preuve de la même attention envers les dirigeants du centre ou de la droite soupçonnés de corruption.* (Após a condenação de Lula, a justiça brasileira deve dedicar a mesma atenção aos líderes do centro ou da direita suspeitos de corrupção).

Figura 1

Figure 1



Incidents à la Pitié-Salpêtrière : un repli chaotique, plus qu'une « attaque » délibérée

SÉLECTION DE LA RÉDACTION

« La situation est gravissime » : au Brésil, comment le « ministre des entreprises minières » met en place une politique de destruction de l'environnement

Fonte: Prnt Scrn gerado do aplicativo Le Monde - 02/05/19
Source: Print Screen generated from Le Monde application - 05/02/19

uma política de destruição do meio ambiente) (Gatinois, 2019) mereceu todos os tipos de destaque disponíveis no aplicativo: o alerta sonoro, alerta na tela do dispositivo, a cor vermelha no texto do *feed*. Os destaques verbais corroboram o caráter urgente da notícia, iniciando com uma expressão de efeito (“A situação é gravíssima”), além do sema “destruição”, em convergência com a “gravidade” expressa na primeira frase.

Ao clicar na manchete, abre-se a tela da notícia (Figura 2), onde o título reaparece de forma resumida: *Au Brésil, la mise en place d'une politique de destruction de l'environnement* (No Brasil, a implementação de uma política de destruição do meio ambiente). O subtítulo explica que o personagem antes retratado metaforicamente como “ministro das mineradoras” se trata de “Ricardo Salles, ministro do meio ambiente”. A rubrica *édition abonnés* (edição para assinantes) significa que somente os pagantes do jornal terão acesso à reportagem completa. Para esta pesquisa, no entanto, interessam os elementos destacados na edição gratuita do aplicativo.

Já a figura 3 apresenta a mesma manchete conforme ela aparece horas depois no aplicativo, onde a chamada em vermelho é substituída pelo título mais conciso que coincide com o da segunda tela, a

Figura 2

Figure 2



Fonte: Prnt Scrn gerado do aplicativo Le Monde – 02/05/19
Source: Print Screen generated from Le Monde application - 05/02/19

da notícia em si. Assim, pode-se dizer que o usuário que não tenha visto a notícia instantaneamente (primeira tela, representada na Figura 1), ao acessá-la mais tarde, tenha “perdido” o aspecto irônico da primeira chamada, que retratava o ministro como “das mineradoras”. Por sua vez, o segundo modo de circulação da notícia traz o destaque da imagem. Sua permanência no *feed*, mesmo horas depois do primeiro acesso, é sintoma de que o veículo a considera uma notícia relevante. Visivelmente, a chamada da figura 1 caracteriza uma abordagem mais extraordinária, que tem relação com o tratamento dado à notícia, conforme vimos em Ringoot (2014). Seria a instantaneidade correlata de um tom mais passional, cuja ironia deriva de indignação menos filtrada? Eis uma hipótese interessante.

O tema da reportagem não será esmiuçado neste trabalho por falta de espaço, reforçando-se que *Le Monde* assume o posicionamento da gravidade do assunto em questão, conforme corroboram os destaques aqui retratados, em clara discordância com o posicionamento do ministro em relação ao meio ambiente. A cor cinza do título na tela da Figura 3 significa que o usuário já havia clicado na notícia anteriormente.

Figura 3

Figure 3



Fonte: Prnt Scrn gerado do aplicativo Le Monde – 02/05/19

Source: Print Screen generated from Le Monde application - 05/02/19

A espacialização na circulação do aplicativo caracteriza-se pela mobilidade, que é diferente nos sites (cuja especificidade são as “camadas” de páginas a partir de uma *homepage*) ou dos jornais impressos (cuja diagramação é fixa). Propõe-se que essa sintaxe seja pensada tanto como um mecanismo operatório típico dos aplicativos quanto como regularidade de seu funcionamento, onde a destacabilidade, no sentido de Maingueneau, é potencializada. A contribuição deste artigo é pontuar o papel relevante dessa *sintaxe discursiva do destacamento* na circulação de notícias na contemporaneidade, a ser pensada a partir de sua mobilidade, tomando-se como base os pressupostos já estabelecidos por Maingueneau.

No aplicativo *Le Monde*, a primeira tela de leitura se assemelha a um *feed* de notícias, que propomos chamar de *feed de destaques*. A disposição desse *feed* faz com que sua sintaxe discursiva seja de caráter movente, uma vez que o direcionamento do veículo de comunicação (disposição dos títulos, quais deles merecerão alertas ou recolocação no topo do *feed* etc.) driblam a possível leitura *scanner* do usuário, geralmente dispersa e fragmentada. O que é reiterado tem mais chances de se fixar como

memória da contemporaneidade, sem, contudo, descartar a influência de os usuários repercutirem o que eles próprios consideram mais destacável.

Considerações finais

Neste artigo, situamos os modos de produção jornalísticos, pautados em valores-notícia, critérios de noticiabilidade e princípios éticos, em sua narratividade, com foco essencial nos destacamentos dos títulos. Consideramos a inseparabilidade dos procedimentos das mídias digitais e dos processos de solidificação de discursos da contemporaneidade, que, de forma decisiva, atuam nos registros de memória discursiva – são seus fragmentos inapreensíveis, ainda assim, fazem emergir certos posicionamentos em detrimento de outros, constituindo o efeito de narrativa coesa. Pela presença constante dessas mídias por meio dos dispositivos móveis, privilegiamos o estudo do destacamento em um aplicativo de notícias, *Le Monde*, de porte internacional. À característica da presença constante no cotidiano do usuário, soma-se seu potencial de fragmentação e dispersão, o que faz com que os destacamentos não possam ser compreendidos como estáticos, mas moventes. Os processos de edição produzem novas formas de direcionamento sobre os elementos considerados relevantes na solidificação de discursos (em termos jornalísticos, esses elementos correspondem a acontecimentos de forte valor-notícia). Com base nesses processos, justifica-se a pertinência de se refletir sobre uma *sintaxe discursiva do destacamento*.

No suporte analisado, o olhar do leitor e os destaques do aplicativo se encontram, desencontram-se, perdem-se e reencontram-se. Esse leitor-usuário constitui-se como sujeito de leitura pós-imersivo e interativo numa sintaxe discursiva que é dada, mas também ampliada por seu olhar (imerso-disperso). Como detecta Santaella (2004, p. 64), o leitor deixa rastros de personalidade em seu modo de navegar, enquanto o aplicativo busca conduzi-lo. Dos destacamentos, guarda não só palavras-chave, mas as completa, contesta, critica, faz delas “interação para si”.

Memórias são sempre dispersões. Antes engendradas pelos registros orais, passando pela imprensa, hoje se configuram por registros mais polifônicos, vozes supostamente oficiais e suas contestações. Se a era digital impõe a mobilização de novas ferramentas conceituais (Santaella, 2004, p. 174), os efeitos que as formas de destacamento produzem impõem movimentos necessários para repensar também os conceitos da AD. Os discursos são moventes e inapreensíveis em arquivos, como já previa o próprio fundador Michel Pêcheux. Se a memória não está fixada ao arquivo, faz-se pertinente encarar o desafio de se pensar nos processos de constituição de memória discursiva na contemporaneidade, ainda que o tempo presente possa parecer mais inapreensível do que o registro do passado – o que, por sua vez, também é efeito, já que passado, presente ou futuro são uns tão impalpáveis quanto os outros. Não se quer dizer, portanto, que seja possível rastrear por completo aquilo que constitui a memória discursiva, localizando-a num tempo-espaço (se, já dizia Pêcheux, *ça parle...*), mas apenas de se pensar a possibilidade de vislumbrar movimentos discursivos, como exercício constante de atuação em um espaço de discursos fragmentados, correlatos a processos também fragmentados de constituição de memória. Desses fragmentos, registra-se a história presente, cuja aparente coesão narrativa é efeito dos discursos que se instituem de forma dispersa em suportes que também possuem contornos mais opacos.

Ao abordar a narrativa que se constrói pelo destacamento no aplicativo *Le Monde*, acreditamos que a principal contribuição deste artigo seja de caráter teórico-conceitual: propomos a noção de *sintaxe discursiva do destacamento* como ponto central de aprofundamento dos estudos discursivos na interface com a comunicação. Cremos que a solidez do respaldo teórico-metodológico da AD, recorrendo-se a textos fundadores e relendo-os de acordo com os suportes contemporâneos, seja passo fundamental para avançar estudos sobre a narratividade jornalística e sobre como as novas narratividades constituem e solidificam a memória discursiva, portanto, cristalizam imagens-representações sobre *fatos-acontecimentos*. Os destacamentos abrigam um modo de dizer que se torna uma versão oficial, embora fragmentada, da história presente na era da informação digital e permitem uma sensibilização para o simbólico e a opacidade no funcionamento discursivo. No aplicativo, o *atributo de saber* é um efeito condensador do processo jornalístico, sem deixar de ser respaldado nos acontecimentos de fato.

Retomamos o conceito de discurso conforme compreendido por Maingueneau (2005a, p. 15), que o desenvolve, a partir da leitura de Foucault, como uma “dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Atrelado ao interdiscurso, o discurso é impossível de ser analisado como um texto, “isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma”, sendo “necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (Pêcheux, 1990, p. 79).

Sabe-se, portanto, que texto não é discurso, mas é na materialidade do texto que se dá a tentativa de apreender o discurso. Paradoxalmente, essa tentativa por meio da análise revela o caráter inapreensível do discurso (cujo atrelamento ao interdiscurso poderia ser metaforicamente visualizado como fios infinitos e invisíveis de uma rede *wi-fi*). Pode-se dizer que, em nosso século, o texto é mais semelhante ao discurso no sentido de ser, também ele, diluído, movente. A sintaxe discursiva do destacamento se molda pela “atuação” ativa, efetiva e recíproca de produtores e leitores. “Atuação” que deve estar marcada entre aspas, já que a AD problematiza a “ação” do sujeito, o que não implica negá-la.

A retomada de memória no discurso carrega um efeito de “consenso sobre o implícito” (Achard, 1999, p. 13), o que não passa de representação, já que “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação” (Achard, 1999, p. 17). As análises permitem propor que a sintaxe do destacamento reflete uma “dimensão semiótica”, no sentido de Davallon (1999, p. 24), da memória. No aplicativo, é como se o movimento mesmo do destacamento pudesse revelar traços da memória necessariamente suposta pelo discurso, o que é sempre efeito, tensão, negociação.

Referências

- ACHARD, P. 1999. Memória e produção discursiva do sentido. In: P. ACHARD et al. *Papel da memória*. Campinas, Pontes, p. 11-19.
- ANGERMULLER, J. 2016. *Análise de discurso pós-estruturalista*: as vozes do sujeito na linguagem em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers. Campinas, Pontes Editores, 182 p.
- ANGERMULLER, J.; OLIVEIRA, H. 2018. O discurso como prática social. *Forum linguistic*, 15(4):3457-3461. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n4p3457>

BERTRAND, C.J. 1999. *A deontologia das mídias*. Bauru, Edusc (Editora da Universidade do Sagrado Coração), 236 p.

DAVALLON, J. 1999. A imagem, uma arte de memória? In: P. ACHARD et al. *Papel da memória*. Campinas, Pontes, p. 23-34.

GATINOIS, C. 2017. *Au Brésil, le recul massif de l'épidémie de Zika est une énigme*. Paris, Le Monde. [Acesso pelo aplicativo]

GATINOIS, C. 2019. *Au Brésil, la mise en place d'une politique de destruction de l'environnement*. Paris, Le Monde. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2015. *Brésil: perquisition chez Eduardo Cunha, l'homme qui menace Dilma Rousseff*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2017a. *Au Brésil, "la sécheresse cogne"*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2017b. *L'ONU s'alarme de l'attaque d'une tribu indienne par des propriétaires terriens au Brésil*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018a. *La Cour suprême du Brésil donne son feu vert à l'incarcération de l'ex-président Lula*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018b. *Au Brésil, la chute de Lula: retour sur une semaine décisive*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018c. *Sergio Moro, le juge anticorruption qui a fait trembler le Brésil*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018d. *Brésil: Lula ne s'est pas rendu à la police, mais il n'est pas considéré comme «un fugitif»*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018e. *Au Brésil, Lula annonce accepter d'aller en prison*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018f. *Brésil: la disgrâce d'un président*. Editorial. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

LE MONDE. 2018g. *L'ancien président brésilien Lula, condamné pour corruption, arrive en prison*. Paris. [Acesso pelo aplicativo]

MAINGUENEAU, D. 2001. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez. 238 p.

MAINGUENEAU, D. 2005a. *Gênese dos discursos*. Curitiba, Criar Edições, 190 p.

MAINGUENEAU, D. 2005b. Ethos, cenografia, incorporação. In: R. AMOSSY (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do Ethos*. São Paulo, Contexto, p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. 2006. *Cenas da enunciação*. Curitiba, Criar Edições, 182 p.

MAINGUENEAU, D. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo, Parábola, 208 p.

MAINGUENEAU, D. 2014. *Frases sem texto*. São Paulo, Parábola, 200 p.

MELLO, A.F.; PASE, A.F.; GOSS, B.M; SOUZA, D.R; PELLANDA, E.C.; SANTOS, F.F; SICA, K. 2015. Jornalismo adaptado a novas telas: um estudo da linguagem jornalística nas novas interfaces móveis. In: J. CANAVILHAS; I. SATUFI. (org.). *Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo*. Covilhã, Labcom, p. 83-101.

MELO, L. B. 2017. Títulos em notícias de divulgação científica: estratégias discursivas e funcionalidades na interface do Facebook. *Linguagem em (dis)curso - LemD*, 17(1):51-66. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-170103-0616>

MORAES, É de. 2011. Autoria e democracia na comunicação em mídias sociais. *Revista Signo*, 36(61):264-278.

MORAES, É de. 2018. O destacamento em aplicativos de notícias e a produção de memória discursiva. *Revista E-Compós*, 21(3):1442. <https://doi.org/10.30962/ec.1442>

MORAES, É de. 2019. *Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos*. 1ª ed. São Paulo, Editora da Unesp, 169 p.

NOUCHI, F.; MORAES, É de. 2018. Le Monde e a cobertura internacional sobre o Brasil: entrevista com Franck Nouchi, médiateur Le Monde. *Revista Intercom - RBCC*, 41(1):199-208. <https://doi.org/10.1590/1809-58442018111>

PÊCHEUX, M. 1990. Análise automática do discurso. In: F. GADET, F.; T. HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 61-161.

PÊCHEUX, M. 1997. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 318p.

PÊCHEUX, M. 1999. Papel da memória. In: P. ACHARD et al. *Papel da memória*. Campinas, Pontes, p.49-57.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. 1990. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas In: F. GADET, F.; T. HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 163-252.

PINTO, S. 2018. Mídia-luz: dispositivos crepusculares numa sociedade diáfana. *Revista Galaxia*, (37):5-18. <https://doi.org/10.1590/1982-2554135623>

RESENDE, F. 2009. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do Encontro. *Revista Galáxia*, (18):31-43.

RICOEUR, P. 2005. Discours et communication. *Cahier de L'Herne Ricoeur*, (81):51-67.

RINGOOT, R. 2014. *Analyser le discours de presse*. Paris, Armand Colin, 222 p.

RODRIGUES, B. 2010. *Padrões Brasil e-Gov*: cartilha de redação web. Brasília, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação, 51 p.

SANTAELLA, L. 2004. *Navegar no ciberespaço*: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo, Paulus, 192 p.

SCHWINGEL, C. 2012 *Mídias digitais*: produção de conteúdos para web / SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação. São Paulo, Paulinas, 120 p.

SILVA, L.I.L. 2018h. *Lula*: «Pourquoi je veux à nouveau être président du Brésil». Paris, Le Monde. [Acesso pelo aplicativo]

WOLF, M. 1999. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Presença Editorial, 272 p.

Submetido: 13/09/2018

Aceito: 10/05/2019